despedir-se, encomendou as obras tanto ao alcaide António Real como ao feitor Lourenço Moreno.

Durante quase dois anos andou Albuquerque fora de Cochim. No entanto, António Real gastou grande parte da cal nos muros da fortaleza e em algumas obras suas, sendo o resto roubado. Quando Albuquerque regressou, viu que nada se havia feito. Para cúmulo de tudo isto, Fernão Eanes faleceu em Cochim e o dinheiro que deixou não correspondia ao que havia cobrado; como já tinha recebido e gasto todo o seu soldo, não foi possível reaver aquilo que ele devia apresentar.

Apesar de todos estes contratempos, a igreja ia principiar-se em 1514, ficando situada um bocado além do hospital. Este seria construído nas casas que António Real principiara a fazer. Os alemães bombardeiros, que viviam em Cochim, desejavam também possuir uma capela sua, e Albuquerque estava disposto a favorecer-lhes o intento e até a instar com eles para que a edificassem ([92]).

Outra capela, em honra de Nossa Senhora da Conceição, foi mandada construir em 1517-1518 por uma piedosa mulher chamada Beatriz de Quental; custaria cerca de 300 cruzados ([93]).

Passaram-se vários anos e a igreja principal, a matriz de Cochim, apesar de começada, não ia avante. Em 1522 estava ainda reduzida às paredes, sendo coberta de ola, faltando-lhe a necessária vedação. O P.e Sebastião Pires, ao dar esta informação a el-rei, diz que falara com o vedor da fazenda a ver se conseguia algum dinheiro para as obras mais essenciais, mas a resposta havia sido desfavorável: não havia dinheiro na fa-

([92]) ANTT — CC, I, 16-67. *Carta de Albuquerque a el-rei*, em 25-10-1514. *Documentação*, I, 105.

([93]) ANTT — CC, I, 23-5. *Carta do P.e Sebastião Pires a el-rei*, em 8-1-1518. *Documentação*, I, 144.

zenda, e o pouco que se pudesse haver era melhor gastá-lo com os Portugueses que por lá morriam de fome.

Em tais circunstâncias, o P.e Sebastião Pires resolvera construir a igreja com as esmolas dos fiéis. João Álvares Caminha, velho comerciante do tempo de Albuquerque ([94]), havia já oferecido o retábulo e o pontifical para o altar de Nossa Senhora do Rosário, além da valiosa quantia de 100 pardaus. Este mesmo devoto tinha antes oferecido uma custódia que pesava sete marcos de prata. Rui de Melo, outro morador de Cochim, contribuíra com 50 pardaus de oiro, além doutros 50 que oferecera à Santa Casa da Misericórdia, que se começava então a construir. O P.e Sebastião Pires tinha a intenção de pedir mais dinheiro a outros moradores. O orago seria a *Santa Cruz*. Era necessário, evidentemente, que fosse muito bem construída, com sua charola de 15 palmos de largo ou talvez mais ainda, ficando as dimensões a arbítrio de el-rei. Com as esmolas que tinha em mão, esperava acabar este mesmo ano de 1522 pelo menos a capela-mor, porque o governador D. Duarte de Meneses prometera ajudá-lo ([95]).

O mesmo P.e Sebastião Pires dá notícias da igreja em 1527: não estava concluída. O vedor da fazenda e ele haviam contratado um pedreiro a fim de trazer da Serra alguns esteios ou colunas de pedra rija, por 800 cruzados. Esperava que em breve se acabariam as obras. Da fazenda real ainda se não tinha gasto nada, pois que nada se havia conseguido. Quanto ao tamanho da igreja, comparava-a à de *Sam Giam* de Lisboa ([96]).

Foram passando os anos. Estamos em 1532. O novo vigário geral P.e Miguel Vaz afirma a el-rei que havia encontrado

([94]) GASPAR CORREIA — *Lendas da India*, II, 365.

([95]) ANTT — CC, I, 27-93. *Carta do P.e Sebastião Pires a el-rei*, em 10-1-1522. *Documentação*, I, 200.

([96]) ANTT — CC, I, 38-51. *Carta do P.e Sebastião Pires a el-rei*, em 16-12-1527. *Documentação*, II, 59.